



EDITORIAL

Chegamos ao número 2, volume 1 da Revista LibertAção. No contexto da pandemia do Covid-19, do desmonte do Estado Brasileiro, das diversas formas de expressão de ódio veiculadas diariamente em diferentes espaços, seguimos nas diversas tentativas de cumprir nossos compromissos assumidos aqui nessa revista. Em tempos de Ensino Remoto, de distanciamento social, vamos fortalecendo os diálogos e a esperança de dias melhores num futuro próximo e promissor.

Este número da LibertAção é composto pelas submissões de sete artigos, uma entrevista e uma tradução. O primeiro dos artigos, intitulado “Direito ao tratamento como igual: *dworkin* e a luta do negro por políticas étnicas justas”, de Thaís Cristina Alves Costa, tratando da promoção da diversidade e da distribuição de renda entre as camadas sociais para reduzir ou equilibrar questões de igualdade. O objetivo central deste estudo foi analisar se o modelo de ação afirmativa, enquanto desdobramento da teoria liberal igualitária de Ronald Dworkin, consegue ser uma alternativa justificada para resolver o desequilíbrio social presente em sociedades racistas.

No segundo artigo, “Ciência e tecnologia na antiguidade africana”, Nazito Pereira da Costa Júnior apresenta uma investigação sobre as produções científicas e tecnológicas ocorridas na antiguidade africana. Ele discute as várias realizações da ciência e tecnologia nas antigas civilizações do Norte da África e da África subsaariana, como também a cultura e os costumes, desmistificando a falsa ideia de que a África não teve uma história nem teria produzido conhecimento algum relevante, além de ter sido injustamente considerada como civilização obscura e atrasada. Apoiar-se nas pesquisas relevantes de filósofos europeus, estadunidenses e africanos como Cheikh Anta Diop, Molefi Kate Asante e Theophile Obenga.

Em “A terceira margem epistemológica: o entrelugar do giro decolonial na teoria educacional”, Carolline Septimio Limeira utiliza o conceito deleuziano de “rizoma” para estabelecer paralelos entre as epistemologias da educação e da pedagogia, tendo como base teórica os estudos de Andery, Saviani e Moraes. O objetivo do texto é expor a questão da ciência e da produção do conhecimento na prática educacional pedagógica e os impactos do



“giro decolonial” na teoria educacional, a partir da análise do conto de Guimarães Rosa e da canção de Milton Nascimento e Caetano Veloso, ambos intitulados “Terceira Margem do Rio”.

No quarto artigo, “Filosofia africana: um contexto descontextualizado pelo ocidente”, Regina Coeli Araújo Trindade Negreiros, discute o que cabe no guarda-chuva da filosofia ocidental, partindo do pressuposto da negação da filosofia africana pelo eurocentrismo. Aborda o conceito do Ubuntu como um dos termos fundadores da filosofia africana, sendo ele uma práxis sociocultural que permeia a convivência social coletiva que assinala para o caráter complexo de uma filosofia relacionada à humanidade.

Em Racismo, machismo e opressão de classe: uma luta interseccional, José Cândido Rodrigues Neto faz uma reflexão sobre as reivindicações sociais que estão na pauta de grupos que foram negligenciados por discursos hegemônicos da sociedade. As reivindicações destes grupos buscam dar visibilidade a lutas por reconhecimento de direitos básicos das mulheres, das pessoas negras, da classe trabalhadora, e de outras vozes que são silenciadas pelo totalitarismo dos discursos hegemônicos.

No artigo de Elenilda Alves Brandão, intitulado “Na era tecnológica, em vias do esquecimento: estudo da atual situação educacional de estudantes de algumas escolas públicas do interior da Bahia no período da pandemia covid-19 traz uma abordagem sobre a visão de alguns estudantes do ensino fundamental II e do ensino médio de escolas públicas do interior da Bahia, sobre como pensam as suas atuais situações educacionais em meio à pandemia causada pela COVID-19, motivo das aulas presenciais serem suspensas.

O último artigo é de Lídia Helena Mendes de Oliveira e Soraya Monteiro Neves, com o título “Africanidade nas escolas públicas do município de Manaus: avanços e desafios para o desenvolvimento da educação integral antirracista”. Nele, as autoras apontam que a Lei 10.639/03 depositou diante do universo docente o desafio de propalar o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, numa perspectiva contrária a visão eurocêntrica predominante até então. Cabia às Secretarias de Educação subsidiar as escolas, o que exigia formação de equipes aptas ao processo, bem como compreensão da lei e mudanças nas concepções de currículo e práxis dos/as educadores/as. Por isso esse estudo apresenta justamente a caminhada da Secretaria Municipal de Educação no Município de Manaus/SEMED/MANAUS quanto a inserção dos temas nas documentações que organiza as políticas educacionais daquela secretaria.



Na entrevista de Maria Rosângela Tavares Cunha feita por Adriana Carvalho da Silva, “Políticas educacionais e ensino híbrido em tempos de pandemia e pós-pandemia: ressignificando a docência no contexto pandêmico”, enfocando as estratégias pedagógicas adotadas pela professora de uma escola pública em Recife mostrando como é possível enfrentar os desafios advindos com a pandemia do COVID-19 em prol de uma educação de qualidade.

A Tradução, que tem como título, “Traduzindo lord alfred tennyson: *ulysses* (1842) como fonte histórica”, de Alexandre Bartilotti Machado e Márcia Maria da Silva Barreiros, enfatizam que uma tradução de *Ulysses* parece importante para termos mais uma fonte para investigar as relações entre estudos de gênero, história das mentalidades e representações literárias na Antiguidade homérica e numa relação dialética entre o tempo no qual o poema se passa e o tempo no qual ele é produzido, a Modernidade oitocentista.

A nova Equipe Editorial assumiu sua função recentemente e aos poucos vamos aprendendo a realizar essa exigente tarefa de contribuição para a pesquisa de relevância e qualidade em Filosofia, Educação e suas Interfaces. Os problemas tecnológicos continuam sendo o grande obstáculo operacional da Revista, mas em breve resolveremos esse problema também, alcançando nossa LibertAção.

Diante desse contexto tão adverso e de muito trabalho e sobrecarga de tarefas com o Ensino Remoto Emergencial, as dificuldades e poucos recursos são desafios para pesquisadores/as e editores/as. Por isso, agradecemos aos colegas que prestigiaram e prestigiarão nossa revista na leitura, submissão de propostas e na elaboração de pareceres de avaliação, certos de que, contando com a compreensão nessa etapa inicial, vamos nos aperfeiçoando diante das demandas editoriais. Muito obrigado e boa leitura!

Valmir Pereira

Editor